

O CONCEITO DE MODERNO E SEUS POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS NO CONTO “A NOVA DIMENSÃO DO ESCRITOR JEFFREY CURTAIN” DE MARINA COLASANTI.

Marília da Silva Freitas (UFU)¹

Resumo: Este trabalho propõe analisar o conto “A nova dimensão do escritor Jeffrey Curtain” de Marina Colasanti, que tratará do processo de “libertação” de uma vida monótona e rotineira de um escritor de contos, iniciado após entrar em coma, em que seu cérebro passa a funcionar independente do restante do corpo. Terá, como ponto de partida para a análise, o conceito de modernidade, elaborado por Baudelaire, com o objetivo de averiguar o quanto tais concepções são compatíveis com o que é narrado, ou seja, como acontece a relação existente entre o que é considerado arte moderna para o teórico, como isso é representado no texto e ainda corrobora para outros possíveis desdobramentos.

Palavras-chave: Moderno; Literatura; Marina Colasanti; Ambíguo.

Publicado no livro *O leopardo é um animal delicado* (1998), o conto “A nova dimensão do escritor Jeffrey Curtain”, escrito por Marina Colasanti, é baseado na narrativa “O resíduo da felicidade” de Francis Scott Fitzgerald, presente na obra *Seis contos da era do Jazz e outras histórias* (2009). A autora, neste texto, escolhe o ponto de vista de um dos personagens do enredo original (no caso, Jeffrey Curtain) para relatar a história de um autor de contos, que tinha a escrita como profissão. Sua vida se fundamentava na rotina cotidiana deste trabalho, que era o meio de sustento de sua família, até que sua saúde é debilitada por uma espécie de AVC, deixando o escritor em estado vegetativo.

No momento do rompimento do coágulo em sua cabeça, as funções vitais de Jeffrey são desassociadas do comando de seu cérebro, que passa a funcionar de forma independente do seu corpo. Os médicos aconselham Roxanne, sua esposa, que a morte definitiva seria a melhor solução, já que o paciente não mais recuperaria sua fala, audição e movimentos, porém ela não concorda e passa a cuidar do esposo em sua própria casa.

No entanto, algo extraordinário estava acontecendo com Jeffrey, impossível de ser percebido por Roxanne e diagnosticado pelos médicos. Ao ficar fisicamente inconsciente, o cérebro do escritor passou a funcionar de forma constante e frenética, proporcionando a ele vivenciar experiências que não lhe eram permitidas na realidade

¹ Graduada em Letras, mestre em Teoria Literária e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: masfreitas06@gmail.com

do seu dia-a-dia. Enquanto o seu corpo permanecia inerte em uma cama, e se “deteriorava” junto com as paredes de sua casa, uma imensa agitação acontecia dentro de seu cérebro. Sem depender do seu corpo físico, o escritor finalmente se sentiu livre para realizar os seus desejos, vivenciar as narrativas, que antes não passavam de imaginações descritas no papel; conhecer outros tempos, países, interagir com vivos e mortos, respirar debaixo d’água, voar, dançar, etc.

Desta forma, Jeffrey Curtain passou, realmente, a viver, pois viu-se livre das obrigações impostas pela sociedade e conseguiu, longe do mundo exterior, perceber melhor o seu próprio ser. E assim, a narrativa vai se desenrolando, dividindo-se em dois momentos: a morbidez vegetativa de um corpo se desfazendo juntamente com o meio exterior, aos cuidados de rotineiros de Roxanne, contrastando com a intensa agitação de pensamentos e vivências dentro do cérebro do personagem, interrompidos subitamente no momento em que a consciência com o corpo é reestabelecida, culminando na real morte do enfermo.

Isto posto, é possível perceber, na construção deste enredo, características que se relacionam diretamente ao conceito de modernidade estabelecido por Baudelaire em “O pintor da vida moderna” (1988). Tais aspectos, fazem do texto moderno, não só pela época em que foi escrito, mas também na constituição de seu conteúdo.

Inicialmente, Baudelaire (1988), em seu artigo, trata da relevância que os artistas considerados “menores” estão adquirindo nos dias atuais, visto que antes, só os clássicos eram evidenciados pela crítica. Menciona, ainda, a importância de se voltar para o presente e as suas representações, pois, assim como o passado foi valorizado pelas “belezas” que produziu, é importante olhar para a atualidade e trabalhar com o que ela oferece neste momento.

Comparando com o conto de Marina Colasanti, há uma relação estabelecida entre passado e presente, à medida que a vida cotidiana do personagem torna-se todo o seu passado, e as “aventuras”, outrora ficcionalizadas passam a fazer parte do seu presente. Percebe-se na história o destaque para as vivências atuais do personagem, sejam eles o estado vegetativo ou a agitação experimentada pelos pensamentos.

Considerar a relação de tempo apresentada na história é importante para se entender a posição comparativa da análise, visto que ela se equipara à teoria apresentada

pelo autor francês. Porém, é necessário voltar-se principalmente para a constituição do personagem protagonista dessa história.

Como se sabe, Jeffrey Curtain é um escritor, e não é possível perceber nesta história se ele possuía fama. Nota-se apenas que era um trabalho realizado cotidianamente, e como na maioria das profissões, havia uma rotina a ser seguida e um pagamento por sua produção, que servia para custear as suas despesas. Ou seja, ser escritor era um emprego para o personagem, e tal condição descaracteriza-o como um produtor de arte, ou o coloca como sendo um “artista menor”, ou apenas artista, ao levar em consideração o que Baudelaire diz a respeito, quando diferencia o “artista” do “homem do mundo”:

[...]Quando finalmente o conheci, logo vi que não se tratava precisamente de um *artista*, mas antes de um *homem do mundo*. Entenda-se aqui, por favor, a palavra artista num sentido muito restrito, e a expressão *homem do mundo* num sentido muito amplo. *Homem do mundo*, isto é, homem do mundo inteiro, homem que compreende o mundo e as razões misteriosas e legítimas de todos os seus costumes; *artista*, isto é, especialista, homem subordinado à sua palheta como servo à gleba. (BAUDELAIRE, 1988, p. 167)

Conforme citado acima, para Baudelaire há diferenças entre ser um artista e um homem do mundo. No primeiro caso, ser artista é ser limitado e subordinado ao seu “serviço”, enquanto ser um “homem do mundo” é compreender o que está além de suas fronteiras, possuir conhecimento amplo e não restrito ao seu fazer artístico. Segundo o teórico, o artista vive pouco e limitado ao seu círculo de convívio, enquanto o homem do mundo é movido pela curiosidade e comparado a um convalescente ou a uma criança em que tudo são descobertas.

O escritor representado no conto de Marina Colasanti, durante toda a sua vida foi este tipo de artista definido por Baudelaire. Um ser preso às normas sociais, que não saía da sua zona de conforto. Escrevia com o mesmo automatismo em que respirava, ou seja, sem prestar atenção ou ter curiosidade em ampliar a sua bagagem cultural, e até mesmo ter sensibilidade para o novo.

Desta forma, foi necessário um “rito de passagem” para que Jeffrey se tornasse um homem do mundo, de acordo com as atribuições de Baudelaire. Tal acontecimento se dá com o rompimento do coágulo, fazendo com que o escritor, de certa forma, se

libertasse das amarras da moralidade em que vivia, pois finalmente, na condição de um ser vegetativo, pode sair do lugar em que sempre esteve:

Cortadas as ligações que o haviam ancorado ao resto do corpo, o cérebro de Jeffrey Curtain não dava mais ordens. E os médicos, enganados pelo silêncio dessa voz de comando haviam decretado a sua morte. Entretanto, emparedado na caixa craniana cujos orifícios a ruptura havia vedado com sangue espesso como chumbo, o cérebro pensava.

Talvez fosse mais correto dizer que luzia. Pois nada do que havia vivido até então se assemelhava à luz límpida e pura por ele agora gerada na óssea escuridão da sua caverna. Jeffrey Curtain havia-se livrado para sempre da escravidão da coerência. Sua mente, solta, tudo se permitia, tudo realizava. (COLASANTI, 1998, p. 38)

O cérebro do personagem estava em constante funcionamento, apesar de não dar mais comandos ao corpo. Isto é, fazia mais do que as suas simples funções fisiológicas, brilhava dentro da escuridão de sua cabeça. Deste modo, é importante destacar nesta passagem, o artista se libertando da coerência, palavra fundamental nesse momento da narrativa, pois enfatiza a condição de subordinação vivida por Jeffrey dentro de uma vida sistemática, e a instabilidade como forma de libertação e realização dos seus desejos.

Um simples “artista”, se tornou um “homem do mundo” após romper com o meio exterior, se desligar do seu corpo e das pessoas à sua volta. Só assim, através de seus pensamentos, ele pode se ocupar em percorrer as distâncias outrora ignoradas, impossíveis de serem incluídas nos seus afazeres habituais. Pode-se dizer, que o estado vegetativo proporcionou a Jeffrey as inquietações e curiosidades inerentes ao indivíduo com verdadeira sensibilidade artística, como descrito por Baudelaire.

Na nova dimensão, Jeffrey pode ser considerado o que Baudelaire (1988) chama de *flâneur*, ou seja, um observador do mundo, no qual o seu prazer se satisfaz em observar toda a movimentação e fugacidade existentes nas mais variadas formas de vida e lugares. O escritor se sente bem em estar em vários lugares ao mesmo tempo, e ainda em poder parar e contemplar o seu próprio pensamento. É tão satisfatório este momento para o personagem, que ele, como se observa no conto, não quer morrer, muito menos ficar livre do corpo, pois agora era-lhe indiferente.

Assim, comparando as teorias de Baudelaire com a formação deste personagem, tem-se um ser com características essencialmente modernas, voltado para as percepções do seu eu interior, mas que coincidem com a necessidade de apreensão mais profunda

da sociedade. Apreensões, essas, que só foram possíveis quando houve uma quebra do automatismo e Jeffrey se tornou um observador sensível das diferentes realidades.

Desta forma, retoma-se a concepção de tempo mencionada anteriormente, na qual se enfatiza a necessidade de um olhar mais atento para o presente. Para que se apreenda melhor a atualidade, é necessário estar livre de automatismos. Assim acontece com Jeffrey Curtain, pois ele só conseguiu prestar atenção no seu estado vigente, e romper as barreiras do cotidiano, quando se tornou um “homem do mundo”, aproximando ainda mais a narrativa da arte moderna caracterizada pelo teórico.

Faz-se importante destacar o que Baudelaire (1988) menciona sobre a Modernidade em que: “A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. (BAUDELAIRE, 1988, p. 174). Há, nesta concepção, uma dupla significação, em que a arte moderna se divide entre representar aquilo que está na ordem do fugidio, do movimento, das incertezas, como também, de ser, ao mesmo tempo, parte do que é permanente e infundável.

Pode-se observar, portanto, que o conto analisado se enquadra no conceito determinado pelo teórico, uma vez que é capaz de representar em seu conteúdo as essências modernas da arte. Há, no interior de Jeffrey, nas experiências de seus pensamentos, a rapidez, o frenesi; enquanto do lado de fora, tudo está parado, mórbido, estático.

A partir desta constatação, observa-se a tendência da narrativa em evidenciar pontos intrínsecos aos conceitos modernos de arte. É possível apreender do que está sendo narrado, situações definidas de forma ambígua tais como a constituição de um ser duplo, a relação entre o eu e o outro, a morte em vida e a vida em morte.

Conforme mencionado anteriormente, o personagem é um indivíduo pertencente a duas realidades distintas, ou seja, ele se encontra ao mesmo tempo parado, enfermo em uma cama, e em movimentação incessante dentro dos seus pensamentos. O resultado disso é um ser duplo, ambíguo.

Ressalta-se, neste momento, a representação, através deste personagem, de uma identidade típica da era moderna, configurando em um desdobramento do conceito analisado em Baudelaire, e amplamente estudado por teóricos das diversas áreas do conhecimento, visto que, entender a constituição identitária do ser humano é muito importante para a compreensão do mundo e das relações sociais estabelecidas.

De acordo com Eduardo Leal Cunha (2009), em seu livro *Indivíduo singular plural: a identidade em questão*, pensar sobre a identidade é, nos dias de hoje, uma forma de indagar sobre a experiência contemporânea do ser e a sua relação com as consequências da era moderna. Pois, segundo o teórico, o conceito filosófico de identidade que se refere “à integridade do sujeito, e à sua permanência no tempo” (2009, p.17), torna-se insuficiente para defini-la, uma vez que, existem várias identidades possíveis, e a concepção de sujeito também é questionável.

Compreende-se que a identidade é a garantia de entendimento do ser sobre si mesmo e, conseqüentemente, de identificação do outro. De certa forma, este entendimento eliminaria as angústias do homem sobre a sua própria definição enquanto sujeito. Contudo, as possibilidades plurais de relação com o meio exterior, proporcionadas pela modernidade, em que as relações de tempo e espaço foram modificadas, faz com que fique difícil estabelecer uma unicidade na constituição identitária do sujeito, justificando, assim a sua fragmentação, e ambigüidade.

Observa-se em Jeffrey Curtain um sujeito que tem a sua identidade dividida em dois momentos durante a sua vida. Primeiro, tem-se uma personalidade marcada pela coerência e depois, uma outra identidade definida pela liberdade e despreocupação. Ambas têm um ponto em comum: são estabelecidas através da narrativa.

Segundo Eduardo Leal Cunha (2009), para o sociólogo Giddens a identidade é uma espécie de narrativa criada pelo ser para entender o sujeito e suas transformações. O caráter fantasioso da identidade, segundo o teórico, serviria para romper com o tradicional e aproximar os seres. Porém, para além do fantasioso, é necessário observar que nas formulações desta narrativa estão as questões próprias do indivíduo e a sua conduta na sociedade:

[...] Giddens destaca com a ideia de narrativa não exatamente o caráter ficcional ou imaginário da identidade, mas o fato de que nela, em sua enunciação, se estabelece um enunciado sobre si mesmo que demarca os limites do eu e de sua ação no mundo. Narrativa produzida nos domínios da razão e submetida aos códigos de inteligibilidade vigentes, determinada por sua pragmática e avaliada pela sua capacidade de incrementar o nível de *segurança ontológica* de cada um de nós. Tal narrativa teria para Giddens, ainda, a função de eliminar as dúvidas sobre si mesmo que poderiam abalar tal segurança, pois é a dúvida, nascida do questionamento moderno da natureza e do humano, um dos principais elementos na produção da incerteza existencial que caracteriza a atualidade. (CUNHA, 2009, p.51)

Como citado no trecho acima, a narrativa produzida pelo ser tem o papel de demarcar a sua posição no meio em que vive. Tais narrativas são formuladas a partir da racionalidade e cumprem a função de eliminar as indagações que o indivíduo tem por ele mesmo. As inseguranças individuais de cada um, são o resultado das dúvidas existenciais tão características da sociedade moderna.

No conto analisado, Jeffrey Curtain cria histórias para sobreviver, e, também para justificar a sua existência na sociedade como um indivíduo comum, trabalhador. Observa-se, portanto, uma identidade construída por narrativas e para narrativas. Enquanto ele era uma pessoa saudável, a forma que encontrou para viver em sociedade o deixou seguro quanto às incertezas existenciais. No entanto, é possível estabelecer uma relação com as narrativas que produzia como escritor, e as experiências vivida sem seu período vegetativo, posto que tais experiências são vivenciadas com base no que ele escrevia em vida:

Sem que ela pudesse ouvir, por trás dos cabelos ralos e quase brancos, por trás da pele apergaminhada, por trás da espessa barreira dos ossos, um silêncio cheio de sons e palavras tecia sua sinfonia no cérebro de Jeffrey. Nunca mais ele havia precisado se expressar de forma audível ou legível. Nunca mais ele havia pensado para outros. Pensando só para si, seguia o fio sinuoso e inquebrável dos seus desejos, deixando-se escorrer por ele como água, sem saltos ou fraturas. A fabulação, que havia sido sua forma de viver, tornava-se sua vida. E ali deitado, imóvel, Jeffrey criava e costurava, uma após a outra, as imagens da longa narrativa. (COLASANTI, 1998, p. 39)

Como é possível observar no excerto destacado, havia, antes do personagem entrar em estado vegetativo, uma identidade construída sob a influência do outro, pois suas atitudes se embasavam nas relações com as pessoas à sua volta, tanto que após o rompimento do coágulo, ele não precisou “pensar para os outros”, ou seja, o seu eu social deixou de existir para dar ênfase a um novo sujeito. Assim, a narrativa que Jeffrey construía para dar significação à sua identidade, proporcionava a ele uma segurança existencial, porém, tal segurança se fragilizou, fazendo com que surgisse uma nova identidade dentro do mesmo ser.

Faz-se importante ressaltar que o surgimento desta nova identidade no personagem, representa o quanto o sujeito da era moderna é instável, e busca incessantemente dar significação à sua vida como forma de se justificar perante a

sociedade. Poder viver novas experiências, sem estar preso às moralidades sociais, proporciona a Jeffrey uma sensação de liberdade, além de permitir uma reflexão, por parte do leitor, sobre o convívio em instâncias sociais.

Observa-se ainda, que ao analisar os aspectos identitários verifica-se que a relação entre os outros personagens segue na mesma tentativa de autoafirmação de seus sujeitos perante a sociedade. Os médicos, por exemplo, não hesitam em declarar a morte do paciente, já que, segundo os estudos da medicina, ou seja, de acordo com as normas que estes profissionais devem seguir, pessoas neste estado não conseguirão mais viver.

Desta forma, as outras pessoas do convívio de Jeffrey, bem como da comunidade em que vivia, já o consideravam como morto. Diferentemente de Roxanne, que ainda o mantinha sobre seus cuidados:

Na cidadezinha, todos se referiam a ele como se já estivesse morto. E todas as manhãs, sua mulher o barbeava e lavava, mudando-o, ela mesma, da cama para a cadeira e da cadeira para a cama, falando-lhe como se fala a um cão amigo, embora sem ter sequer a esperança da resposta ou reconhecimento de que um cão é capaz. Nada lhe vinha daquele corpo, além do hábito. Mas Roxanne falava sem esforço, com a mesma doçura dos primeiros dias, evitando perguntar-se se o fazia para evitar seu próprio silêncio ou se para preencher com suas palavras o silêncio que ele parecia emanar. (COLASANTI, 1998, p. 39)

Observa-se acima, que a esposa de Jeffrey continuou cuidando dele habitualmente, e mesmo que não obtivesse respostas, ela conversava com ele pacientemente, essas atitudes era uma maneira de preencher o vazio de sua vida, ou de ludibriar a sua solidão. Ao insistir em cuidar do marido, Roxanne reafirma o seu papel de esposa perante a sociedade, mesmo que afastada do convívio social, já que todo o seu tempo era ocupado com o enfermo. Destaca-se, no entanto, que enquanto Jeffrey se libertava dos automatismos sociais, Roxanne, por sua vez, se prendia em uma rotina a ocupar-se do marido.

A relação entre marido e mulher após a doença de Jeffrey, remete à oposição entre vida e morte estabelecida nessa narrativa. Enquanto um, ao morrer, vivia; o outro, ao viver, morria. Mais uma vez, há uma associação às características da arte moderna a utilizar as antíteses para expressar as dualidades presentes nos personagens da história.

Como se sabe, ao longo da história, o conceito de morte veio se modificando, à medida que as gerações também se modificavam. Nos dias atuais, de acordo com o

sociólogo Allan Kellehear: “morrer passou a ser um assunto vergonhoso: rotulado negativamente pelos outros, inerentemente humilhante para os seus alvos humanos, que lhe opõem resistência. (KELLEHEAR, 2016, p.25).

Atualmente, a relação do homem com o ato de morrer é vista de forma negativa, ou seja, é algo encarado sempre pela dificuldade de aceitação e entendimento. O ato de Roxanne manter o marido praticamente morto por vários anos, demonstra a resistência do ser perante a morte, conforme mencionada pelo sociólogo acima. Tal relutância, faz com que o estado de morte passe a fazer parte da vida de Roxanne, e, provavelmente, ela só ficará livre desta condição, quando Jeffrey finalmente morrer, o que fica sugerido no final da história, quando a esposa sente a morte do marido, deixa-se ficar na cadeira, para só mais tarde levantar-se.

A forma de como a morte é retratada nessa história, corrobora para a sua análise dentro dos conceitos de moderno e arte moderna elaborados inicialmente por Baudelaire, visto que ela se apresenta incerta e ao mesmo tempo imutável na composição do enredo. Para o teórico, como mencionado anteriormente, a arte moderna se caracteriza por ser incerta, e assim é a morte representada no conto, pois não é possível afirmar esta condição como pertencente de forma efetiva ao personagem até o desfecho da narrativa.

Assim, após o levantamento dessas características, é de fundamental importância destacar o trabalho de Marina Colasanti ao construir esta narrativa. As impressões sobre o que vem a ser moderno identificadas na criação de cada personagem, permitem pensar ainda na associação que o texto tem com o real, pois aproxima o leitor de situações inerentes ao seu viver em sociedade, já que este leitor também é um ser moderno e de identidades múltiplas.

Marina Colasanti, possibilita ainda, pensar o fazer literário e o papel do autor, pois ao tomar como referência um texto já existente, e neste mesmo texto enfatizar o modo de vida de um autor, ela cria uma “metanarrativa”. E, desta forma, a história também pode ser analisada, pelo viés da estruturação do texto literário.

Finalmente, o percurso estabelecido nesta análise teve o intuito de refletir sobre o conceito de moderno primeiramente evidenciado por Baudelaire e seus desdobramentos na construção do sujeito. “A nova dimensão do escritor Jeffrey Curtain”, é uma narrativa que consegue abarcar tais concepções, como também, representar, através de

seus personagens, o homem, a sua identidade e o seu viver na sociedade moderna em questão.

Referências:

BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Trad. Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

COLASANTI, Marina. *O leopardo é um animal delicado*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUNHA, Eduardo Leal. *Indivíduo singular plural: a identidade em questão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

FITZGERALD, F. Scott. *Seis contos da era do jazz e outras histórias*. 7ª ed. Tradução de Brenno Silveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

KELLEHEAR, Allan. *Uma história social do morrer*. Trad. Luiz Antônio de Oliveira Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2016.